



A Produção da Notícia: mudança de paradigma

María Teresa Baquerin de Riccitelli¹

Os jornalistas demonstram dominar plenamente as competências da profissão e as defendem de maneira ferrenha diante das críticas e de acusações de comportamentos profissionais condenáveis. Contudo, Tom Rosenstiel e Bili Kovach (Lance Bennett, 2007: 1²) alertam que

O trabalho de um jornalista é separar os fatos das opiniões, e facilitar o acesso dos cidadãos a informações precisas e confiáveis para que eles possam autogovernar-se. Este processo hoje está em risco.

[...] as pessoas estão se afastando do jornalismo à medida que este se transforma num fórum para o conflito. [...]

Este tipo de jornalismo apela aos extremos, é menos confiável e também é uma forma menos eficiente para que os cidadãos conheçam e naveguem pelo seu mundo.

Existem, pois, diversas razões para que os cidadãos se mostrem insatisfeitos com as notícias que lhes são apresentadas. Ou seja, há demanda por uma análise desses temas a partir de uma perspectiva mais ampla.

William Lance Bennett (Lance Bennett, 2007:4) assinala que, num mundo ideal, os jornalistas deveriam reconhecer as tendências e inovações mais importantes, e também encontrar as fontes que representam os pontos de vista mais representativos e diversos da sociedade. Essas fontes ideais tratariam de debater com seus oponentes para assim permitir que o público chegasse a suas próprias conclusões; ainda nesse mundo ideal, a audiência perfeita iria usar seu tempo para entender os enfoques distintos sobre as questões sociais mais relevantes. Lamentavelmente, no mundo real são muitos os fatores que conspiram contra esses princípios democráticos: o espectro que circunda tanto as pressões externas às empresas de mídia quanto as próprias características internas dessas empresas, suas obrigações contratuais e interesses comerciais, o desinteresse dos cidadãos, os veículos de comunicação controlados por políticos, entre muitas outras circunstâncias obscuras.

Enfim, o panorama geral não está isento de contradições. O sistema informativo é capaz tanto de gerar níveis impressionantes de informação socialmente útil e relevante, fomentando a reflexão pública de governantes e governados, como também é capaz de ocultar ou distorcer certos temas, assumindo posturas obtusas ou míopes.

A credibilidade no negócio da comunicação sempre dependeu da busca da verdade, do relato dos fatos e da confiabilidade das fontes.

Contudo, os pilares tradicionais do jornalismo estão sendo abalados pela progressiva incorporação da internet ao sistema de mídia. Novos desafios e problemas surgem no que tange à legalidade, ética,

¹ *Los Medios ¿Aliados o Enemigos del Público?*, Buenos Aires, Educa: 2008.

² LANCE BENNETT, William, *News: The Politics of Illusion*, EUA, Pearson, 2007.

credibilidade e objetividade porque, diferentemente dos meios tradicionais, em que “gatekeepers” supervisionam o conteúdo que será distribuído, na Web não só fica difícil se separar o que é verdade do que é ficção, mas também os atributos da informação correm o risco de se “desnaturalizar”. Estudiosos mais críticos alertam para a diferença entre aqueles que são formados e capacitados para fazer o jornalismo e aqueles que emulam essa habilidade no ciberespaço: enquanto os primeiros aderem e respeitam um conjunto de orientações éticas, os outros apenas obedecem a seus próprios impulsos.

Credibilidade e responsabilidade são dois dos pilares do paradigma dominante no jornalismo americano, descritos nos estudos de Tuchman, 1978; Gitiin, 1980; e Stempei, 1985. Esses autores concordam que os jornalistas dos meios de comunicação de massa tradicionais, impressos ou audiovisuais, tendem a recorrer a fontes da elite e aquela com autoridade reconhecida.

Por outro lado, aqueles que estão otimistas sobre a contribuição das tecnologias digitais argumentam que elas desafiam os padrões midiáticos convencionais, porque permitem que o público encontre fontes alternativas de informação sobre as questões que realmente importam para eles. Esta maior independência informativa do público muitas vezes se torna uma dor de cabeça para os governantes, quando defendem suas políticas e quando querem fortalecer seu poder.

A verdade é que, à medida que se passa da era da comunicação de massa para a digital, as frentes de debate e os dilemas para os atores sociais proliferam em um ritmo acelerado. As respostas são diferentes: algumas empresas de mídia tornaram-se mais sensíveis à qualidade editorial – apesar do impacto negativo na sua estrutura de custos –, enquanto outras procuram desenvolver conteúdos visualmente mais atraentes, interativos, criativos e especializados. Enquanto isso, pequenas comunidades de ambientalistas, defensores dos direitos humanos, associações de consumidores, ONGs, entre muitos outros, acabaram inseridos na aldeia global, apoiados por campanhas na web e correntes por e-mail. Tudo isso, na visão de Lance Bennett, pode envolver a necessidade de repensar tanto a idéia de equilíbrio de poder dentro de um sistema democrático e a definição do que é notícia (Lance Bennett, 2007: 11).

Nesse sentido, Bennett propõe adotarmos a seguinte definição do que seria notícia política:

Trata-se da informação que

- a maioria dos atores políticos concordam ser oportuna, relevante e interessante;
- as empresas de mídia selecionam, editam e distribuem para seus públicos nas diversas plataformas em que atuam;
- as pessoas as consomem num determinado momento, durante o desenrolar dos acontecimentos.

Por último, Lance Bennett se refere a um *novo gatekeeping*. O autor reconhece que, no caso do sistema político dos EUA, que é fortemente apoiado nos meios de comunicação, a imprensa tem o papel de principal gatekeeper, ao abrir ou fechar as portas da “exposição pública” a certas vozes e ideias das diversas correntes da sociedade. Apesar de seus defeitos, as notícias mais importantes continuam sendo veiculadas e ainda são um vínculo importante entre a sociedade em geral e seus líderes políticos (Lance Bennett, 2007: 11-12).

Contudo, Bennett alerta que esse sistema se tornou mais complexo e, talvez, a imprensa tenha se tornado menos competente na função de estabelecer uma agenda nacional e mantê-la na sua pauta, frente à tentação de atrair mais audiência com escândalos. Soma-se a isso o surgimento de outras tendências – como o crescimento do *infotainment* e de canais de informação *online*, *on demand*, *on time* e *mobile*, além da fragmentação da outrora chamada audiência de massa. Essas tendências contribuem para deixar menos clara a capacidade da imprensa tradicional de monitorar e selecionar quais são os assuntos mais importantes e principalmente deixar claro a toda a sociedade por que são importantes para todos.